

**A escrita de Maria Isabel César Anjo e a ilustração de Maria Keil:
um hino à natureza e à infância**

Sara Reis da Silva
Universidade do Minho
sara_silva@iec.uminho.pt

Miriam Reis
Universidade de Aveiro
miriam@ua.pt

Os catálogos da prestigiada Editora Sá da Costa, recentemente aglutinada à Portugália Editora, ambas propriedade da Fundação Agostinho Fernandes, revelaram, desde sempre, um respeito invulgar pelos leitores mais novos. Desde a publicação de clássicos como *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, *Os Lusíadas* ou *A Odisseia*, recontados por Aquilino Ribeiro ou João de Barros, à edição de obras infantis de António Sérgio, passando pela publicação de *picture story books* de autores incontornáveis deste género, como Babette Cole ou Iela Mari (1), pela colecção juvenil «Roda Livre» (que conta, por exemplo, com os títulos *A Locomotiva Tchaaf* e *Pífaro Lá-Mi-Fá-Sol*, de Carlos Correia) e pela colecção «Ler e Reler» e pelas três séries que a compõem – série «Cisne Branco», «Cisne Azul» e «Cisne Dourado» – a Sá da Costa, em particular, no domínio infantil e juvenil, desempenhou um papel muito significativo, contribuindo para a divulgação e a legitimação deste âmbito literário.

O objecto de análise deste breve estudo é constituído por quatro volumes da autoria de Maria Isabel César Anjo e brilhantemente ilustrados por Maria Keil (1914-). Livros originalmente publicados, em 1971, com a chancela da Atlântida, uma década, depois, passaram a integrar a linha editorial Sá da Costa Infantil e a colecção «Ler e Reler» (Série «Cisne Branco»), destinada a crianças que dão os primeiros passos na leitura.

Como releva a sua titulação – *A Primavera é o tempo a crescer, O Verão é o tempo grande, O Outono é o tempo a envelhecer e O Inverno é o tempo já velho* –, que,

em forma frásica, introduz, à partida, algumas sugestões fundamentais ao nível temático e simbólico, estes livros nascem sob o signo das estações do ano (2). Pioneiros (3), se atendermos ao panorama editorial da época em que vieram a lume (anos 70 do século passado), recriam, portanto, com particular poeticidade discursiva e uma plasticidade ilustrativa, cada época do ano e algumas das suas singularidades.

A mudança, a transformação/evolução e a passagem do tempo reflectem-se nos cambiantes cromáticos das próprias capas, opções que se revestem de assinaláveis implicações simbólicas. Repare-se que à luminosidade, ao brilho, à luz e ao calor moderados, sugeridos pelo tom amarelo, predominante na capa do volume dedicado à Primavera, segue-se o calor, por vezes, “fogo”, do vermelho do livro do Verão, a secura, muito terrestre, do castanho do exemplar centrado no Outono e, por fim, o azul aquático – das chuvas ou do céu “mais carregado”, por exemplo –, do livro do Inverno.

De assinalar, também, a presença de um paratexto de índole similar nos quatro volumes – «Para o meu Pai que me ensinou a crescer», «Para a minha Mãe que me ensinou a ouvir conversas de passarinhos», «Para os Meninos que vão pela primeira vez à Escola» e «Para os Meninos que não têm presentes do Menino Jesus» –, segmentos perpassados por linhas ideotemáticas como os afectos, a aprendizagem (da vida), a infância, a natureza, a solidariedade e a consciência social. Trata-se, na verdade, de um conjunto de elementos que indiciam a estação do ano ficcionalizada em cada volume, “alimentando” os próprios textos e determinando também, em larga medida, o seu registo.

Com uma estruturação baseada na repetição e/ou no paralelismo anafórico, que possui o tempo como palavra-chave e a metáfora como um dos recursos de eleição, o relato valoriza o mundo exterior ou natural, universo de aprendizagens e de descobertas contantes. O olhar maravilhado (ainda que, pontualmente, um pouco desanimado) e sempre surpreendido, que apenas uma criança é capaz de lançar livremente e sem pressas, parece estar na origem da escrita contemplativa que distingue estes quatro breves textos. Muito simples e acessíveis, cada um dos volumes evoca as árvores, as flores, os frutos, a vida animal, algumas tradições e jogos / brincadeiras infantis (jogar ao pião e ao berlinde, por exemplo), típicos de cada época do ano e facilmente conotadas com o universo da criança. Denotando uma equilibrada preocupação informativa/educativa, que, sublinhe-

se, em nada afecta o sentido estético do discurso, a introdução, em cada um dos distintos volumes, de elementos que compõem o cenário de cada estação do ano permite uma “descoberta”, por meio do texto literário: da doçura das «cerejas, das nêspers e das amêndoas» (Anjo, 1981: s/p) e da cor das glicínias, das papoilas e das flores amarelas da Primavera; do sabor dos pêssegos e da beleza «das zínias e das sécias» (Anjo, 1981: s/p) do Verão; do gosto das uvas e das castanhas e dos tons vivos dos crisântemos do Outono; e, ainda, do paladar desejado das «romãs e das tangerinas e dos dióspiros» (Anjo, 1981: s/p) e das cores exóticas das violetas e das camélias no Inverno.

A referência a esta diversidade de elementos naturais corrobora a ideia de transformação da natureza e, assim, desde o contacto inaugural com estes volumes, é simples associar a: Primavera ao rejuvenescimento, ao florescimento, à explosão de cores e de flores e à Páscoa; o Verão aos dias grandes, solares, das sombras desejadas, dos frutos maduros, das férias, da praia, das festas e dos passeios; o Outono à secura, ao regresso à escola, às folhas caídas, às castanhas e às vindimas; e o Inverno ao tempo agreste, da neve, do frio lá fora e do calor da lareira (e das histórias que se contam junto desta), do mar alto tormentoso, do Natal e do Carnaval.

Se a coerência interna de cada um dos volumes se alicerça, por exemplo, nas referências a que temos vindo a aludir, aspectos que contribuem também para uma visível coesão temática, importa, ainda, destacar a existência de um outro nível de coerência: aquele que se celebra entre os quatro volumes. Efectivamente, é com uma metáfora que cada um dos textos é inaugurado, uma estratégia a partir da qual se começa por identificar cada uma das estações do ano com uma árvore «com flores a nascer» (Anjo, 1981: s/p), «carregadinha de pêssegos» (idem, *ibidem*: s/p), «com folhas amarelas e vermelhas e castanhas a cair» (idem, *ibidem*: s/p) e «triste com ramos sem folhas» (idem, *ibidem*: s/p), na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno, respectivamente, aspecto recriado, com particular expressividade, pela componente ilustrativa. Esta árvore, tal como as quatro flores diferentes com que fecha cada um dos quatro exemplares, parece, assim, representar o elemento unificador destes volumes, protagonizando, em termos exemplares, a mudança e simbolizando, talvez, a «vida, em perpétua evolução (...) o carácter cíclico da evolução cósmica» (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 89).

O mito literário do eterno retorno ou a circularidade do tempo, eixo ideotemático fundamental, parece, portanto, comunicar-se à própria arquitectura do livro, reflectindo-se também, por exemplo, na opção por um procedimento estilístico de redundância baseado na própria recuperação do título no *explicit* do texto. Esta expressão assume, no *terminus* de cada um dos textos, uma forma exclamativa, que deixa antever uma alegria e um entusiasmo admiráveis perante a vida.

O ar livre e a mãe-natureza são prevaletentes e a captação notoriamente sensorial (em particular, ao nível visual e auditivo) dos aspectos enunciados, transmitida a partir de um registo sóbrio, mas manifestamente rico do ponto de vista estilístico, é um dos traços mais cativantes dos quatro exemplares em análise.

Comum a todos os textos é a valorização do espaço rural ou da aldeia e dos seus «meninos e meninas» (Anjo, 1981: s/p), numa aberta admiração pela vitalidade e alegria daqueles que vivem perto da natureza, bem como a tematização de tópicos como a (des)igualdade e a (in)justiça social. A presença de passagens como «A Primavera é o tempo bom dos meninos das barracas que tiveram muito frio no Inverno» (Anjo, 1981: s/p), «[O Verão] é o tempo em que o alcatrão das ruas e das estradas queima os pés dos meninos descalços» (idem, *ibidem*: s/p), ou, ainda, «O Inverno é o tempo mau das meninas e dos meninos das barracas porque chove nas suas casas» (idem, *ibidem*: s/p). E não é de ignorar a “ousadia” destes apontamentos poéticos à data da primeira edição destas obras (início da década de 70 do século XX).

Integrando uma secção que é também «iluminada» por títulos como *O Livro de Marianinha* (1967), de Aquilino Ribeiro, como considera João Paulo Cotrim (2007a), na série de livros em análise, a componente ilustrativa, de grande qualidade e sentido estético, segue de perto o discurso verbal, caracterizando-se também pela contenção e pelo equilíbrio, tanto ao nível cromático, como no que diz respeito à introdução e à disposição de personagens (humanas ou animais) e de outros elementos que participam dos seus “pequenos quadros”.

As ilustrações, colocadas em páginas únicas, logo a seguir a uma página branca apenas com o registo textual, ocupam espaços inteiros que convidam à contemplação sem pressas, a uma observação atenta e fruitiva e à construção de um percurso imaginativo livre e individual, possibilitado pela ponderada clareza figurativa e pela «acuidade visual

perfeita» (Azevedo, 2002: 173) que as caracteriza, permitindo, assim, ao pequeno leitor poder (re)criar/inventar uma nova história, a sua própria história.

Nestes quatro volumes, com a «graça inconfundível» (Azevedo, 2002: 173) que lhe é própria, Maria Keil, «à transparência, funde natureza e gesto, objectos e carne, animais e céu» (Cotrim, 2007b: 14), colocando, sempre em primeiro plano, árvores (4), crianças, meninos e meninas desenhados, muitas vezes, a preto, cinza e branco, e pássaros, quase sempre, em voos livres. Pressente-se, nestas ilustrações de Maria Keil, uma humanidade e uma amabilidade, marcas, aliás, da sua linguagem visual, que acompanham, na perfeição, o texto de Maria Isabel César Anjo, sublinhando a sua dimensão afectiva e as suas simbologias mais recorrentes. A técnica gráfica mista (caneta, aguarela e marcador), bem como as cores, sóbrias e certeiras, as linhas, graciosas, leves e, por vezes, mais grossas ou “duras” (como a própria ilustradora muitas vezes refere ao evocar o seu trabalho), os volumes e as formas, que oscilam entre o fino e o largo, o discreto e o “carregado”, denunciam um deslumbramento raro e inocente, que corresponde à perspectiva infantil e acaba por substantivar a forma de expressão inovadora e o estilo próprio, reconhecível e inconfundível que é o da artista plástica em questão.

A composição pictórica e, em concreto, a própria disposição sequencial das estampas, funciona também como elemento gerador de coerência. Repare-se que a primeira ilustração de todos os volumes representa uma árvore diferente e todos eles encerram com a imagem de uma flor, pintada num estado de desenvolvimento distinto. Nos dois casos ou nas duas “séries” de ilustrações, as variações cromáticas e os apontamentos de cores mais ou menos vivas, consoante o tempo para que remetem, potenciam os sentidos do texto linguístico, explorando também as suas sugestões visuais.

Como sugerimos, nesta série motivada pela sucessão das estações do ano, texto verbal e texto visual recriam, com uma expressividade invulgar, «as etapas de um ciclo de desenvolvimento: nascimento, formação, maturidade, declínio», simbolizando a «alternância cíclica e o perpétuo recomeçar» (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 306). Destacando-se pela elegância e a sobriedade dos discursos, ou melhor, de ambos os discursos, o literário de Maria Isabel César Anjo e o pictórico de Maria Keil, não é difícil perceber o «elevado grau de cuidado» que presidiu a elaboração destes pequenos livros,

ambição, aliás, declarada no breve registo informativo/divulgativo, incluído na contracapa de todos os volumes. Deste texto-programa, destacamos, ainda, a preocupação aberta em ir ao encontro dos interesses infantis e de tornar «a leitura um agradável elemento do quotidiano das crianças». E a nossa leitura permite-nos antever que esta é uma missão cumprida.

Referências bibliográficas:

ANJO, Maria Isabel César (1981). *A Primavera é o tempo a crescer*. Lisboa: Sá da Costa Infantil (ilustrações de Maria Keil) (2ª ed.).

ANJO, Maria Isabel César (1981). *O Verão é o tempo grande*. Lisboa: Sá da Costa Infantil (ilustrações de Maria Keil) (2ª ed.).

ANJO, Maria Isabel César (1981). *O Outono é o tempo a envelhecer*. Lisboa: Sá da Costa Infantil (ilustrações de Maria Keil) (2ª ed.).

ANJO, Maria Isabel César (1981). *O Inverno é o tempo já velho*. Lisboa: Sá da Costa Infantil (ilustrações de Maria Keil) (2ª ed.).

AZEVEDO, Fernando de (2002). «Inconfundível Maria Keil» in RÊGO, Manuela e SÁ, Luís (coord., org. e pesquisa). *Histórias para gente de palmo e meio – Literatura Portuguesa para Crianças e Jovens (catálogo de exposição)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 171-173.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Teorema.

COTRIM, João Paulo (2007a). «A praça é uma sala com árvores» in GODINHO, Ju e FILIPE, Eduardo (coord. de projecto). *A Arte na Página/1 (Maria Keil “A Arte de Maria Keil”)* (Catálogo de exposição – Auditório Municipal Augusto Cabrita, Barreiro, 05 de Maio-31 de Julho de 2007), pp. 9-17.

COTRIM, João Paulo (2007b). «Maria Keil – “Procuro concretizar em linha e traço o que está escrito”» (entrevista) in GODINHO, Ju e FILIPE, Eduardo (coord. de projecto). *A Arte na Página/2 (Maria Keil “A Arte de Maria Keil”)* (Catálogo de exposição – Auditório Municipal Augusto Cabrita, Barreiro, 05 de Maio-31 de Julho de 2007), pp. 38-49. (também disponível, em pdf, em www.casadaleitura.org).

GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

Notas:

- (1) Curiosamente, e na mesma linha dos quatro volumes que constituem o *corpus* deste ensaio, da autoria de Iela Mari, a Sá da Costa publicou, em 1982 (a edição original é de 1973), um álbum ilustrado intitulado *A Árvore*, uma obra marcante que possui como *leitmotiv* o ciclo da natureza/as estações do ano. Muito recentemente (2009), este volume foi reeditado pela Kalandraka com o título *As estações*.
- (2) Com o mesmo motivo temático ou matriz criativa, recorde-se a edição da colecção *Histórias e Canções em Quatro Estações*, quatro volumes acompanhados de cassete audio, publicados em 1988 pela Lisboa Editora. Nesta obra, participaram autores como Matilde Rosa Araújo, Luísa Ducla Soares, Leonel Neves, Alexandre Honrado, Alice Vieira, Ilse Losa, entre outros, e ilustradores como Maria Keil, Manuela Bacelar, António Modesto e Jorge Colombo, apenas para citar alguns exemplos.
- (3) Como se encontra sugerido em Gomes, 1997: 58-59.
- (4) Como referimos, todos os volumes abrem com uma ilustração dominada por uma árvore. Além disso, note-se que, das 12 imagens que integram cada um dos volumes, cinco, no caso do livro dedicado à Primavera, seis, no do Verão e do Outono, e duas, no do Inverno, são pontuadas pela presença da árvore.